

Brasil deve receber dos EUA novo crédito-ponte de US\$ 600 milhões

por Patricia Saboia
de São Paulo

O Brasil deverá receber um empréstimo-ponte de US\$ 600 milhões, provavelmente do próprio Tesouro americano, empréstimo que estará vinculado a um novo "pacote" de "jum-bos" que somará algo em torno de US\$ 8 bilhões — US\$ 3,5 bilhões ainda este ano e US\$ 4,5 bilhões em 84. Acertados os ponteiros com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o que se dará efetivamente nos próximos 10 dias, também os bancos americanos entrariam no Projeto 1 com fatia não menor que US\$ 500 milhões, suficiente para que o Brasil "chegue" até setembro.

Embora de curto prazo, "para não criar problemas" com o Congresso

americano, o empréstimo-ponte poderá sofrer prorrogações de pagamento à medida em que números mais saudáveis forem sendo apresentados nos Estados Unidos pelas autoridades brasileiras. Isto, aliás, já foi feito em parte pelos economistas de bancos estrangeiros, que levaram aos "boards" de seus bancos previsões mais alentadoras que as anteriores.

SOLUÇÃO RÁPIDA

Da reunião mantida sexta-feira no Hotel Meridien, no Rio, entre 22 banqueiros dos 10 maiores bancos brasileiros e o presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, ficou o "feeling" de que o Brasil terá "uma solução muito rápida" do FMI dado o "interesse especial" do

FED (Federal Reserve Bank), o Banco Central americano. Além disso, contaria como "um trunfo a nosso favor" — segundo interpretação de um dos presentes à reunião — a pressão exercida pelos próprios banqueiros americanos.

Esta pressão tem uma razão específica: dia 15 é o prazo fatal para que os bancos contabilizem os juros; como o Brasil está atrasado nesses pagamentos, os bancos teriam de tomar medidas judiciais. Mas fonte familiarizada com o mecanismo lembra que "não há qualquer interesse" dos bancos em caracterizar este "default", que provocaria uma grito de seus acionistas.

Informações que tranquilizaram os banqueiros brasileiros dão conta de que,

apesar da maior recessão, as coisas podem começar a melhorar — tanto que um deles já refez suas previsões de inflação, trabalhando agora com algo entre 130 e 150% este ano, em vez dos 190% de até a semana passada.

Os bancos, no entanto, se mais tranquilizados por um lado, têm agora um novo motivo de preocupação: Langoni pediu-lhes para resolver o problema dos bancos estaduais (comerciais e de desenvolvimento), via compra de seus CDB (Certificados de Depósito Bancário). A compra será feita com recursos do compulsório, através da Resolução nº 797. Como dizia um banqueiro, "a questão toda é que a gente não sabe se, no fim, recebe esse dinheiro" — algo estimado entre Cr\$ 400 e Cr\$ 500 bilhões.